



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O COELHO BARBEIRO

COMPOSIÇÃO PREMIADA da SÉRIE B

POR MARIO GONÇALVES PEREIRA

Desenhos de A. CASTANÉ

A onça tinha jurado ao coelho: — A primeira vez que o visse não lhe escaparia. Também o diabrete havia feito tantas!... Havia de vir um dia, oh se vinha!... E a onça andava procurando o momento em que o visse a jeito, perto das suas unhas. E esse dia chegou. Certa tarde, ao abeirar-se de uma fonte que havia ali perto do mato, encontrou o páchola, mirando-se na água e fazendo caretas.

— «Ah! Estás por aqui?! Ha muito tempo que ando a tua procura! Hoje vais pagar-me, meu mariola...»

O coelho, tremendo de medo suplicou-lhe:

— «Ah! comadre, não me mate! Poupe um chefe de família que vive, agora, do seu trabalho.»

— «Como?! Só se eu não te conhecesse patife! Vais pagar-me tudo e bem caro!»

O coelho insistiu, pedindo-lhe que não fizesse semelhante coisa, pois que ele, agora, só se preocupava com o seu officio, trabalhando de barbeiro para quem quizesse ver.

E numa lamúria manhosa,

— «Então a gente está tranquilo, quietinho, penteando o cabelinho para ficar bonito, e vem a comadre com essas ameaças!... Onde é que se viu uma coisa assim?!...»

A onça reparou que o coelho estava, de facto, bem engraçado, decente, com um penteado catita, que lhe assentava muito bem.

Vaidosa, como era, a onça mostrou desejos de possuir um penteado igual e, propôs ao barbeiro:

— «Pois muito bem; perdão-te com a condição de me penteares, também, o cabelo, de maneira que toda a gente fique cheia de inveja.»

— «Isso é o menos,—(respondeu o coelho)—a questão é a garantia que me der, porque a comadre (desculpe que lhe diga) tem o cabelo muito bonito, mas muito grosso. Para eu desembaraçá-lo, havia de doer-se e talvez eu pagasse as favas!»

— «Qual não te assustes! Prometo nada fazer; (disse a onça, já seduzida pela vaidade de se tornar bela.)

Mas o coelho não se conformou:

— «Só se a comadre se deixasse amarrar Assim, se o trabalho doesse, eu estaria mais seguro.»

A onça ainda barafustou, mas, por fim, vencida pela sedução de um penteado que a tornasse encantadora aos olhos de todos, conforme tinha prometido o coelho, consentiu em ser amarrada e que o barbeiro lhe passasse o laço. Apenas recomendou.

— Esta bem! Penteia-me, mas não me apertes muito a corda.

O coelho trouxe, então, uma corda forte, que havia na capoeira, e, com todo o respeito, foi amarrando a onça. A seguir, dizendo que era por causa da luz, que o pente trabalhava melhor, fê-la chegar a um toco de pau e ali a amarrou fortemente.

Feito isso, quando a bicha se estendia para pentear-se, elle trccou o pente por um pau e deu-lhe uma coça de criar bicho na cabeça.

A onça, fúta, soltava berros medonhos fazendo-lhe ver que a estava magoando.

— «Qual, comadre! Estou, apenas desembaraçando a grenha para começar. O pente é um pouco duro na verdade, mas mais duro é o cabelo da comadre!»

E o pau cantava de grosso, na cabeça da onça, delzando-a ali estendida dentro de pouco tempo

(Continúa na página 7)



Historia do burrinho "Janota"

Composição premiada da
SÉRIE A

Por Maria Helena Fernandes Mauhin
Desenhos de A. CASTANE

ERA uma vez um casal que tinha dois filhos e um burrinho muito teimoso. Este burrinho era muito estimado pelos dois filhos do dono da casa. Chamavam-se Manuel e Zézinha. O burrinho, que tinha o nome de «Janota», tinha o defeito de quasi todos os burros; era, como já dissemos, teimoso. Por mais que lhe batessem, por mais torrõesinhos de açúcar que lhe dessem, o teimoso do «Janota» só andava para trás. Um dia, ti Manel, que era o pai dos pequenos, resolveu vender o «Janota». E foi comunicar a sua resolução aos filhos.

— Meus filhos, disse ti Manel, resolvi vender o «Janota» no próximo domingo, quando fôr à feira.

— Oh! Paisinho não venda o nosso «Janota», atalharam os pequenos.

— Mas o pai respondeu: — tenham paciência; eu compro, depois, outro burro que não delte com tudo ao chão e não ande para trás como o «Janota».

Depois de muito insistirem, Manuel e Zézinha tiveram de se conformar com a ideia de que o pai lhes compraria outro burro.

Quando apareceu sorridente a manhã de domingo, os dois pequenos levantaram-se mais cedo que de costume e foram à cavaliariça ter com o «Janota». Quando lá chegaram ainda o teimoso do «Janota» estava dormindo todo recostado na fôfa cama de palha, que tão bem lhe haviam arranjado na véspera Manuel e Zézinha.

Manuel correu imediatamente, a despertar o «Janota» que, dando um zurro, se apressou a levantar-se. Então, os pequenos começaram a arreá-lo, ao mesmo tempo que lhe diziam:

— Vês, «Janota», se tu não fosses teimoso o pai não te vendia e já tinha quem te arranjasse a cama; mas, assim, sendo teimoso, vais ser vendido a ciganos que não hão-de gostar de ti.

Depois de uns minutos de silêncio, quando o «Janota» parecia, realmen-



CARTA

PARA O MEU BONECO

COMPOSIÇÃO PREMIADA DA
SÉRIE A

Por NOEL

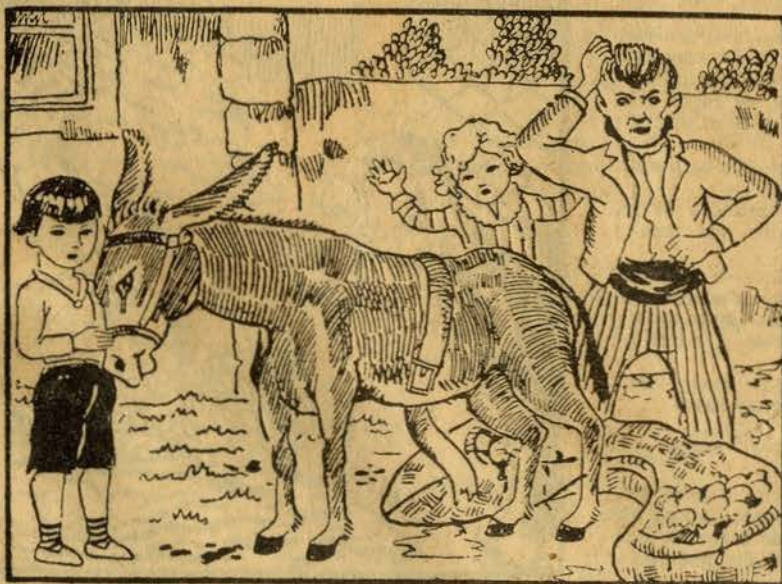
MEU boneco,
Aqui me tens
A dizer-te coisas minhas,
Saudades, que tu não tens,
Nestas claras manhãzinhas.
Não sei para que partiste,
Nem, sequer, aonde estás!

Se visses... fiquei tão triste,
Quando a minha mamãzinha
Me falou desta partida...

Mas, diz'-me:
Não és capaz
De voltares, novamente,
A'queia tua caixinha?

Eu ficava tão contente,
Se tu voltasses um dia,
Que nunca mais te deixava!

Se soubesses!...
Eu agora,
Mal o sol chega ao jardim,
Vou sentar-me no banquinho.
Do qual eu tanto gostava,
Se estavas ao pé de mim,
E choro, como se chora
Quando, ás vezes, a sonhar,
Nos perdemos no caminho.



A mamã disse-me, um dia,
(No dia em que me deixaste,
Sem, sequer, dizer adeus...)
Que estavas muito velhinho
E não prestavas; de velho
Parecias já ter bicho...
E por isso me deixavas;
Que te dera de conselho
Ires-te embora, sozinho,
Dentro do carro do lixo,
Que aqui passa, manhãzinha...

E deu-me um outro boneco,
Ainda muito novinho,
Que ficou em teu lugar.

Mas, ouve o que eu vou dizer:
Tu bem sabes que a avózinha
Também é muito velhinha
E não tem dentes, sequer...
Pois nem, por isso, se pensa
Que ela se vá embora
No carro que te levou,
Não é verdade?

E, agora,
Se digo isso à mãezinha,
Responde-me que a avózinha
Não é boneco...

Deixá-lo!

Mas, também, já me não ralo,
Porque tu hás-de voltar...

Agora me lembro eu:
De que serviu e valeu
Tudo o que estive a dizer-te?

Final, estive a escrever-te
Para evitar as demoras
No teu regresso e, no fim,
Nem, sequer, sei onde moras...

De que serve a carta, então?
Mas, olha não vou resgá-la
Nem queimá-la no fogão...
Antes vou mas é deitá-la
No barril do lixo. Assim,
Talvez vá lá ter contigo
E, tendo pena de mim,
Talvez venhas ter comigo.

Confio no teu regresso,
Meu boneco, meu Lilau...

Anda faze o que te peço,
Que eu juro não ser travesso
Nem fazer coisas de mau.
Mesmo as bolas de papel
Que te atirava à cabeça
Acabaram para ti.
Hei-de atirá-las, depois,
Ao outro que tenho aqui.

Mas volta muito depressa
E, assim riremos os dois,

Teu amiguinho: — Noel.



te, um janota, a Zézinha exclamou alegremente:

— Tive uma ideia; vamos dizer ao «Janota» que não ande para trás e não deite a carga ao chão. Se ele se portar com juízo, certamente o pai não venderá.

— Apoiado! — exclamou Manuel, satisfeito pela boa ideia da irmã. E ambos se puzeram a dizer ao burro, que nem sequer o ouvia:

— Se tu hoje não fores teimoso, o pai não te vende; agora vê como te portas. Mas qual história e qual carapuça, o teimoso do «Janota» ainda fez pior que de costume. A ver os ovos partidos e tudo o resto no chão, o ti'Manel, desesperado, agarrou nas rédeas do burro e, à força, levou-o para a feira, deixando os pequenos, em casa, a chorarem pelo «Janota».

Assim que chegou à feira, ti'Manel, depois de ter discutido o preço com uns ciganos, que, por fim, o compraram, encaminhou-se para casa.

Os ciganos, embora achassem o burro muito barato, não disseram nada ao ti'Manel mas não deixaram de dizer lá consigo:

— Ele que vende o burro por dez moedas é porque tem algum defeito grande!

O que eles pensaram confirmou-se; quiseram levá-lo para casa; o «Janota» parecia que estava pegado com grude ao chão da feira; só à força de pancada e de esporadas é que conseguiram levá-lo. Então o «Janota», ao

ver-se com a barriga toda ensanguentada, pôs-se a chorar baixinho a sua desgraça e prometeu, a si mesmo, nunca mais ser teimoso.

Porém, à noite, como a porta ficara aberta por engano, «Janota» roendo a corda a que estava preso à indecente mangedora e, sem saber o que fazia, correu para casa dos seus antigos donos, pondo-se aos coices à porta.

Ti'Maria, que era a mãe dos pequenos, ao ouvir aquilo, pôs-se a dizer ao marido, muito aflita:

— O'Manel, levanta-te e vai ver se são ladrões!...

Mal tinha acabado, a ti'Maria, de proferir estas palavras, vê os filhos virem a correr por ali abaixo e a gritarem:

— É o «Janota», é o nosso «Janota»! Ao abrirem a porta, de par em par, o «Janota» entra sem fazer cerimónia por ali dentro.

Depois de lhe terem dado de comer, os meninos foram deitá-lo na caminha fôfe da cavalariça. No dia seguinte havia feira e o «Janota», carregadinho de ovos parte para a feira, todo enfeitado com guisos e fitas. Desta vez o «Janota» já tem juízo; havia-lhe servido de lição as poucas horas em poder dos malvados ciganos. Quando chegaram à feira, os meninos venderam tudo e pagaram as dez moedas aos ciganos, voltando para casa montados no burro que é, hoje, o mais obediente dos burros daquela terra.

CONTO MARAVILHOSO

COMPOSIÇÃO PREMIADA da
SÉRIE C

POR MARIA RAQUEL CORDEIRO de OLIVEIRA COSTA — (Maria Ninguém)

Desenhos de A. CASTAÑE



NUM antigo país de maravilha, vivia um anãozinho que tinha por tarefa guiar os meninos que o Destino encaminhava para o seu reino. Usava umas botinhas altas de couro, já um pouco gastas pelas pedras dos caminhos e costumava cobrir a cabeça com um barretinho vermelho.

Era tam pequenino, tam pequenino, que, para morada, escolhera uma velha lura abandonada onde descansava as suas fadigas de caminhar. A porta, entre uma casquinha de caracol onde se arredondava um mangerico, e um seixo que lhe servia de banco de jardim, arranjara um caramanchão com a umbela garrida dum cogumelo gigante; assim pobre como era, todo ele se revia na graça do seu cantinho, quando voltava à noite do trabalho. Uma tarde, à hora do regresso, quedou-se admirado a olhar as suas botas cobertas de poeira: à frente, o couro forte, de que eram feitas, esgarçava-se numa brecha funda, por onde se adivinhava já a curiosidade insolente dum dedo à espreita. Contrariado com o contratempo, foi buscar um fio de teia de aranha, e, com uma agulha de pinheiro, pôs-se a concertar as botinhas. Tam absorvido estava pela tarefa que nem deu pela chegada duma criancinha que parára à porta da toca, intimidada, e só quando a linha, escapando-se, sorratamente, da agulha, o obrigou a levantar a cabeça para a enfiar de novo, reparou que não estava só. — «Quem és tu?» — «Chamo-me Violante, e foi o Destino que me mandou cá...» — «E para onde vais?» —

— «Para o reino da Felicidade» — replicou a pequenita enquanto o olhar claro se lhe inundava de luz. O velho anão puxou pensativamente a ponta da linha, torceu-a devagar e deu-lhe um nó. — «E o país que todos buscam — disse ele com um sorriso misterioso — e onde nem todos chegam. Vamos lá...»

Arrumou novêlo e agulhas e lançando às botas um olhar carregado de desconfiança, foi a um canto buscar um alforje remendado e deitou-o às costas. Curiosa como todas as crianças, a menina perguntou: — «Que levas no sacco?» — «O farnel para o caminho. A viagem é longa e difícil e o meu alforje leva a farinha para o pão que has-de comer. Nas terras por onde passarmos só nos darão o fermento». Violante pensou que talvez não soubesse lá muito bem amassar pão, mas, obediente ao velho feiticeiro que a mandara — o Destino — pôs-se a seguir o seu companheiro cujas botinhas batiam já o pó da estrada num passinho miúdo e regular. — «É muito longe, a Felicidade?» — «Nem por isso. Fica perto e é um país vulgar.

É pouco hospitaleiro e quem lá quiser viver tem de levar o pão consigo». A menina deitou um olhar curioso ao alforje do seu guia, e perguntou ainda: — «Mas tu vais ajudar-me, não vais?» E na sua vósita frágil vibrava a ansiedade inconsciente duma súplica. Sem mostrar enternecimento, o anão retorquiu com brandura: — «Não. Eu só te mostro o caminho; o resto da tarefa has-de fazê-lo tu sósinha».

O caminho pedregoso e difícil, subia agora uma encosta que conduzia a um monte. Sob os pés dos dois viajantes os pedregulhos rolavam com um ruído seco e enervante; as silvas estendiam pelas sebes os seus braços eriçados, e um sol ardente queimava o ar e punha na pequenina testa da menina, umas gótas opacas de suor. O pó sufocava. Violante, cansada, quiz

sentar-se, mas o seu companheiro caminhava sempre, impassível e mudo, indiferente ao sol e à carga que levava. Envergonhada da sua fraqueza, seguiu-o. Ao fim da tarde, quando o sol inclemente não era mais do que um disco rubro pôsto em ar de resplendor nos pináculos distantes, chegaram ao cimo do monte.

Era ali o país onde deviam passar a primeira noite da sua peregrinação. Por toda a parte, a terra revolvida atirava para o ar o cheiro forte das sementeiras recentes. Os perfumes rasteirinhos dos quintais rescendiam por detrás dos muros que deixavam adivinhar as terras tratadas com amor, como jardins. No rósto da gente que passava havia a marca dos grandes cansaços e das grandes satisfações. A menina quiz saber: — «Onde estamos?» — «No reino do Trabalho. Moram aqui a Diligência, o Esfôrço, o Cansaço, a Abundância e a Prosperidade. O Desalento também por cá passa algumas vezes, mas não para. Quando o presente, a gente cá da terra toca os sinos na torre do Rebate e chama a Corágem que é um forte cavaleiro que mora perto. O Desalento nem sequer trava batalha; cobarde como é, trata logo de se mexer, pelo monte abaixo. O fumo branco que começava a levantar-se dos casais prometendo a ceia humilde das lareiras, lembrou a Violante que era tempo de tratar da sua fome. Foram pedir o fermento, que foi dado com a simplicidade das pessoas que dão o fruto do seu trabalho. Com a farinha que levavam, a pesar-de cansada, a menina começou a bater a massa. As suas mãositas sofriam com a rudeza da tarefa mas a fome era muita. Por fim, o pão saiu do forno, tostado e convidativo. — «Tu não comes?» perguntou ela por delicadeza. — «Eu não como nunca» — replicou o anão.

Violante, olhando a cara redondinha e córada do seu guia, pensou que ele era como o São Benedito. Limpando uma gotinha

do suor simbólico que lhe corria pela carita fatigada, cravou no seu páosinho os dentes ávidos. Era amargo, o tal pão! A menina fez uma carêta, mas o seu paladar depressa se habituou, e acabou a ceia com prazer. — «É amargo, notou ela, mas acaba por saber bem». — «Ainda não sabes bem a receita do teu pão porque te falta o tempero d'outros fermentos. Lá chegarás, se fôres boa cozinheira».

No dia seguinte meteram-se a caminho. No alforje do anãozinho aninhava-se agora uma bolinha de fermento que ele guardara com cuidado. E o segundo dia de jornada levou-os a um país maravilhoso. Coberta por um céu sempre azul, à beira dum mar onde as ondas se empolvavam brandamente, e desdobravam sem descanso as suas cristas brancas e finas como rendas, era bem linda a terra onde chegaram!

— «Quem manda aqui?» — «A Fortuna» — «Parece feliz esta gente, notou a pequerrucha, olhando, deslumbrada, para as pessoas felizes que passavam, para os palácios luxuosos que margravam as ruas. Com a voz automática dos cicerones que repetem uma ladainha, já muito sabida e repetida, o guia respondeu:

— «Nem tóda. Os que vêm do Trabalho para aqui, em vilegiatura, repousam, e acham o país maravilhoso.

Os naturais não lhe encontram novidade por já estarem habituados. Quando uma vez por outra, a Bondade e a Generosidade por aqui passam em viagem de turismo, a vida é um prazer. Infelizmente a terra é freqüentada por gente suspeita: a Inveja, velha raquítica e vésiga, a Soberba, uma dama gordíssima e estúpida, com ar de mercieira nova rica, a Avareza magra e sófrega, a cair da boca aos cães, a Ambição, que é coxa em virtude de um desastre que lhe sucedeu numa ascensão



ao Himalaia, enfim, muita gente que aproveita mal a sua estada neste torrão privilegiado. Uma nota, de passagem; são raros os habitantes que abrem a porta à Caridade». Enquanto falava, o anão encaminhava-se para uma porta, onde bateu para pedir o fermento. Devia ser pessoa ali conhecida de ha muito, porque o atenderam logo. Um criado, encascado e antipático estendeu uma bandeja maciça com um pacote de fermento lourinho.

Violante quiz logo experimentá-lo. Misturou-lhe a farinha, bateu a massa com os apuros que tal fermento requeria. Cozeram-na num forno eléctrico reluzente como um aparelho de laboratório. E o páosinho que de lá saiu, era apetitoso como um bólo. A rapariguinha, desta vez, nem ofereceu. Gulotonamente, mordeu-o muito depressa. Um gostinho delicioso fez-lhe arredondar os olhinhos de gozo; mas a massa não estava boa...

Deixava na boca um travo de amargor e não tentava o paladar. Saciava sem satisfazer. Desiludido o apetite, Violante não acabou o seu lindo bólo. À parte, o anãozinho ria, sorratamente. — «Desprezaste o fermentinho que vinha na sacola porque o achaste negro e grosseiro ao pé deste. Se lhe tivesses misturado à massa, terias feito um manjar delicioso». E como a menina o olhasse, desolada, deu-lhe uma pancadinha amigável no ombro e disse-lhe com bondade: — «Sem experiência, nada se alcança. A caminho.»

Quási à noite, um atalho escuro conduziu-os ao Reino da Preguiça. As ervas bravias cobriam os campos com o seu manto de desolação: os habitantes, todo o dia deitados à sombra das poucas árvores que o seu desleixo não fizera desaparecer ainda, não dormiam por ter preguiça de fechar os olhos. Pelos caminhos abandonados andava a Miséria, uma velhota andrajosa e repelente, com o Crime pela mão, a gemer as suas penas que ninguém ouvia por ser muito incómodo lavar os ouvidos. Fermento, ninguém sabia, sequer, o que fosse. No Reino da Preguiça, Violante teve fome. E passaram sucessivamente pelo Reino da Alegria, da Paciência, da Bondade, da Generosidade que lhes deu um pedaço de fermento enorme. Foi a parte mais bonita da viagem. A rapariguinha ia radiante, e o alforje do seu companheiro abarrotava já de pequeninos pedaços de fermento que ele guardava sempre do que sobrava da fornada. O que lhe tinham dado no Reino da Bondade era o melhor: era o sal do seu páosinho, aquele que dava à massa um gostinho sem par. Violante, pouco a pouco e à custa de muito trabalho, ia penetrando nos mistérios d'aquela culinária esquisita. Por fim, depois de terem corrido reinos infinitos, a peregrinação acabou. Uma tarde, os pés cansados dos dois viajantes pisaram uma relva fresca e macia; sentaram-se à sombra amiga duma árvore e dispuzeram-se a tratar da merenda. O anãozinho pôs o sacco, e, mergulhando pela abertura a sua cabeça pequenina, tirou de lá os bocadinhos de fermento. Um a um, foi-os colocando no tapete de relva: o do Trabalho, muito escuro, cheirava ainda às terras fartas donde viera; o da Fortuna lourinho e tentador; ao lado o da Alegria que parecia querer saltar, num arremedo de dança, para cima do fermento da Tristeza que era negro como um tição; o da Bondade, que resplandecia, o da Paciência que era pequenino, ao lado do da Generosidade que parecia um bólo-rei; o da Maldade, duro como uma pedra, e muitos, muitos



(Continua na página 7)

A NITA PREGUIÇOSA

COMPOSIÇÃO PREMIADA DA

SERIE B POR

ANTONIETA FAUSTINO FERNANDES

Desenhos de A. CASTANÉ

A Nita era uma menina
Muito linda, mas rabina
E difícil de aturar.
A mãzinha, que a adorava,
Quantas vezes lhe ralhava
Sem que a pudesse emendar!

Já tinha feito oito anos
E, nessa idade, os seus manos
Sabiam ler e escrever.
Pois a Nita preguiçosa,
De amimada, era teimosa,
Não gostava de aprender.

De manhã, quando abalava
Para a escola, que ficava
De casa pouco afastada,
Demorava-se a brincar,
A colher flores, a saltar,
Só disso a Nita gostava.

As lições, nunca as sabia,
E a mãzinha, um certo dia,
Para ver se a castigava,
Desistiu de se informar
Na escola, e de lhe ralhar,
Mas sempre lhe perguntava:

— «Soubeste as lições, Nitinha?»
— «Sim, soube, minha mãzinha»
(Dizia a Nita apressada) —
— «Bem, assim, estou contente.
Muito breve, certamente,
Hás-de ser recompensada».

.....
Chegou o dia do exame.
Na escola, como um enxame,
As crianças estão anciosas
Por verem o resultado
Do seu esforço, e o prémio dado
A's que foram estudiosas.

A mãe da Nita, também,
Deu um prémio, para quem
Melhor soube aproveitar,
E disse à filha:—«Estudaste?
Se assim tão bem te portaste,
E's tu quem o vai ganhar.»

Mas a Nita bem sabia
Que nunca lhe caberia
Essa boneca formosa.
E, a ocultas, sucumbida,
Já chorava arrependida
De ter sido preguiçosa.

Da escola, a mãe, com brandura,
Disse, entre dóce e severa:
«Merecias duplamente
Ser castigada, Nitinha;
Pois além de não estudares,
Quizeste, ainda, iludir-me,
Mentiste à tua mãzinha.
Prometes, pois, corrigir-te
E ganhar amor ao estudo?»

—«Ah, sim, prometo seguir-te
Nos teus conselhos, em tudo.
Mas quando poderei tê-la,
Aquele linda boneca?»

.....
—«Primeiro há-de merecê-la;
Depois, podes ir escolhê-la
Ali à loja do Zéca»

.....
E desde esse dia, a Nita
Estuda com brio e amor.
Tornou-se a aluna dilecta
Do seu velho professor.



FIM



O COELHO BARBEIRO

(Continuado da página 1)

Acabado o serviço, compadre coelho, voltou á fonte para lavar as patinhas que estavam sujas de sangue e poder renovar o penteado que se tinha desmanchado com o val-vem do pau na cabeça da onça.

guiáste e repreendeste?» — «A mim, chamam-me Consciência» — respondeu o anãosinho, fazendo-lhe um sinal de despedida.

E, dentro em pouco, o seu barretinho vermelho, não era mais do que uma mancha garrida, numa volta do caminho. Violante teve pena do seu companheiro, mas sabia agora onde ele morava, e uma visita não custa muito a fazer quando se come o páosinho da Felicidade...

Seguiu o seu caminho. Na relva macia, debaixo da grande arvore amiga, ficaram os fermentos abandonados: — a Maldade e a Tristeza que o sol de Junho foi consumindo pouco a pouco, porque nem os cães do povoado as quiseram comer...

E assim acaba a história de Violante. Como no seu páosinho também havia o fermento da Generosidade, deu-me a receita que vos deixo copiar:

- «Trabalho» — muito
- «Fortuna» (1) — uma pitada.
- «Paciência» — tôda a que encontrarem.
- «Alegria» — quanta baste.
- «Bondade» e «Generosidade» — Nunca são de mais.

(1). N. da R. — Este ingrediente nem sempre se encontra no mercado, e quando aparece não chega para as encomendas. Quando o não houver, um bocadinho a mais de Trabalho dá o mesmo resultado...



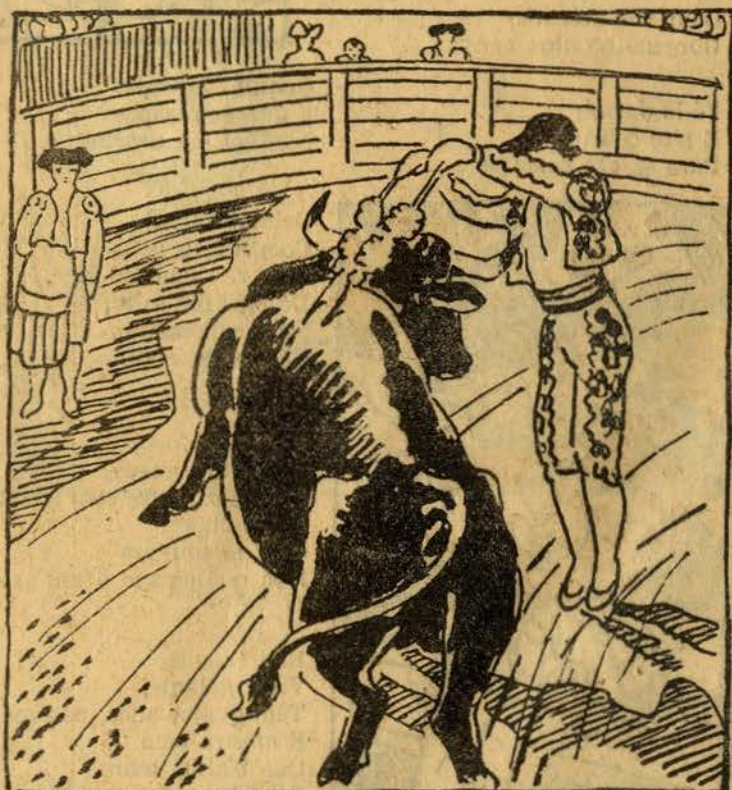
CONTO MARAVILHOSO

(Continuação da página 5)

mais. A menina olhava, interessada, para o fruto da sua viagem. O anãosinho disse-lhe então: — «Vamos á fornada. Mas tem cuidado. Este pão que vais coser, será o último. Aquele com que ficarás para sempre». A pequenina arregaçou as mangas e com um arsinho entendido foi escolhendo e apartando o que mais lhe convinha: Trabalho, muito; Fortuna, uma pitada só para temperar; Paciência, toda; Alegria, quanta baste, e Bondade, mais que houvesse. Com tudo misturado fez um fermento só, a que juntou farinha, e o seu páosinho saiu delicioso. Violante nunca comera um tam bom; não era muito, muito doce mas deixava na boca um paladar divino. E, de repente, teve a impressão de ter chegado ao país da Felicidade; o seu olhar, que tinha agora a alegria sagrada dos eleitos, alongava-se pela estrada, envolvendo as coisas com carinho. — «É aqui a Felicidade?» — «É, — respondeu o companheiro — Poucos cá chegam porque a receita do teu páosinho é difícil de encontrar: uns deitam fermentos a mais, outros deitam a menos. Emfim, tu já cá estás, e aqui ficarás sempre, porque não há país mais belo. Já não precisas de mim; vou-me até casa» — e, dizendo isto, deitava um olhar de compaixão e desconfiança ás suas botinhas.

— «Espera — disse a menina — como se chama o Pão? — «Chama-se Vida e cada qual amassa o seu». — «E tu, que me

PARA OS MENINOS COLORIREM



POBRE MÃI!

COMPOSIÇÃO PREMIADA DA SERIE C POR MARIA TEREZA

DESINHOS DE A. DOLFO CAASTNE

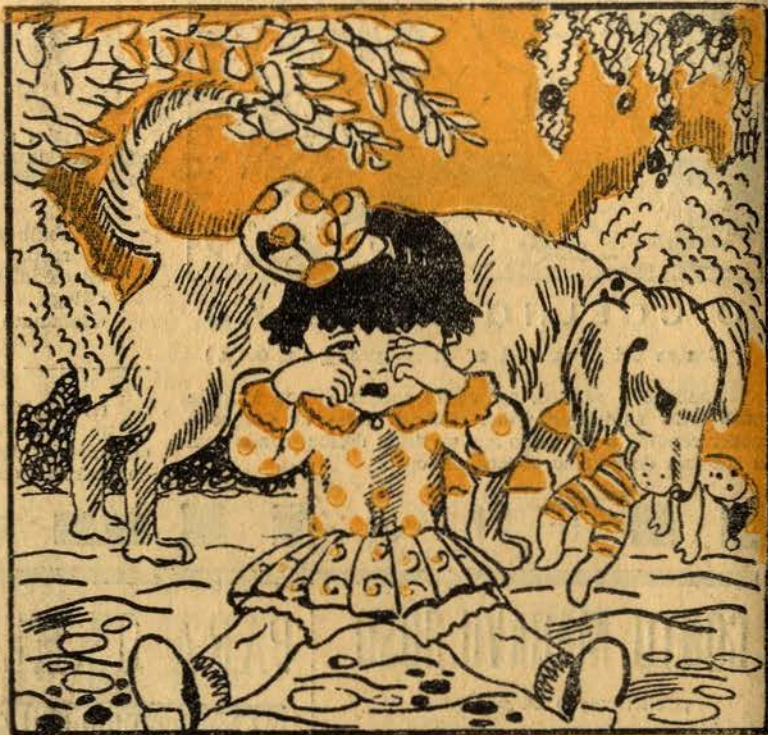
A linda Elêna,
Assás pequena,
Muito se fatiga e gastu,
Vestindo o filho,
Um maltrapilho,
Feito da mais relês pasta.

Mal acabado,
Tôrto, cambado,
Lembra um paspalhão de entrudo
Mas é p'ra ela,
Fulgente estrêla,
Seu anjo, seu Deus, seu tudo.

Este boneco,
Chamado Néco,
Fá-lá gozar e sofrer;
Pois tem meiguices
E faz perrices,
Dando á mãe que entender.

A cada passo,
Dá-lhe um abraço.
Onde vai o coração.
E, docemente,
Com voz dolente,
Gorgeia-lhe uma canção.

Fá-lo dormir
E p'ró cobrir
Para se não constipar;



Quantos farrapos
E quantos trapos
Não vai ela procurar!

Deita-o no jeito,
Com todo o jeito,
E se vê-lo mexer julga,
Dá logo um salto,
Num sobressalto,
Não vá ser alguma pulga!

Quando adoêce
Logo uma prece
Reza aos santos com fervôr;
Aflita chora,
Com fé implora
P'ra que escape o seu amôr.

Interessante,
Viva, galante,
Tem quatro anos, não mais;
E mostra bem
Que n'alma tem
Soberbos dons maternais.

Um dia, enfim,
Foi ao jardim,
O filhinho passear;
Mas o Fanfan,
Um lindo cão,
Mal a viu pôs-se a brincar.

Fatal brinquedo
Que encheu de medo
A mãe. O cão agarrou
O tal boneco
Chamado Néco
E num aí o esfarrapou.

Terríveis festas,
Tristes, funestas,
Motivos de dôr e pena;
Por causa delas,
Choram estrêlas,
Os olhos da Maria Elêna.

■ F I M ■